

## AUTOFOTOGRAFIA DE VIAJANTES: O CASO DA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAY

NATÁLIA LOHMANN D' ÁVILA<sup>1</sup>; TAÍS BELTRAME DOS SANTOS<sup>2</sup>; LUANA  
DETONI<sup>3</sup>; EDUARDO ROCHA<sup>6</sup>

<sup>1</sup>FAURB/UFPEL – *nathylah@hotmail.com*

<sup>2</sup>PROGRAU/UFPEL – *tais.beltrame@gmail.com*

<sup>3</sup>PROPUR/UFRGS – *luanadetoni@gmail.com*

<sup>4</sup>PROGRAU/UFPEL – *amigodudu@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

O presente resumo aborda o procedimento metodológico da autofotografia, utilizado dentro do projeto de pesquisa Travessias na Linha de Fronteira Brasil-Uruguay. Tal projeto tem como objetivo analisar e compreender como os espaços híbridos fronteirísticos se desenvolvem em torno da linha de divisa entre os dois países em questão, ao fazerem parte de culturas e legislações diferentes.

O espaço estudado consiste nas cidades-gêmeas Chuí-Chuy, Jaguarão-Rio Branco, Aceguá-Aceguá, Santana do Livramento-Rivera, Barra do Quaraí-Bella Unión e Quaraí-Artigas. O projeto trabalha com a metodologia da cartografia urbana, buscando a integração do pesquisador com o local pesquisado. Isso é ampliado através de procedimentos como a pedagogia da viagem e a corpografia urbana, que permitiram que os pesquisadores experienciassem o espaço público estudado.

A necessidade de estudar a fronteira vem da propagação da ideia de que essa trata-se de uma linha estática, imutável, quando na realidade ela está em constante transformação e deve ser experienciada (SILVA, 2005), pois só assim se faz possível a compreensão dos seus heterogêneos.

### 2. METODOLOGIA

A cartografia urbana trata de uma aplicação no meio urbano do método cartográfico, originário da geografia e adaptado pela filosofia. Cartografia consiste em uma metodologia que propõe o mapear em campo, o mapear de processos (KASTRUP E BARROS, 2009). Ela trabalha com pesquisa-intervenção (PASSOS E BARROS, 2009), onde o pesquisador acaba sempre influenciando e sendo influenciado pelo campo de pesquisa. A cartografia urbana vem como um complemento aos mapas geográficos tradicionais, buscando relatar o sensível, o cotidiano, a realidade sensorial de cada território.

Dentro da metodologia, utilizaram-se diversos procedimentos metodológicos, como a corpografia, a pedagogia da viagem, e a autofotografia. A corpografia pode ser compreendida como uma experiência urbana corporal (JACQUES, 2007), onde a vivência do espaço urbano pelo corpo é estimulada e observada. Sendo uma forma de impulsionar a vida na cidade, protestando a espetacularização dessa; A pedagogia da viagem é um processo de coleta baseado na experiência, expondo o viajante-pesquisador à realidade da área. Abrindo espaço para a vivência e os imprevistos do local (RESENDE, 2019), além do contato com o campo de pesquisa em si; E a autofotografia é composta de um conjunto imagem e texto. Tratando-se de um processo pessoal e autônomo, que busca atribuir significado às imagens (NEIVA-SILVA E KOLLER, 2002). Originado na psicologia, e utilizado como procedimento cartográfico pela sua capacidade de

expor o território através de uma visão pessoal e subjetiva. Auxiliando, então, na compreensão do espaço urbano da fronteira Brasil-Uruguay.

O procedimento da autofotografia trata de pedir um número determinado de imagens, que devem responder à uma pergunta de pesquisa. No caso do projeto Travessias a pergunta foi “o que chama a atenção do caminhante pesquisador na linha fronteira?”. A partir dessas imagens são realizadas entrevistas para compreender a visão do fotógrafo, a intenção das fotografias. A entrevista busca, ainda, resgatar a experiência vivida no momento no qual a imagem foi capturada (TEDESCO; SADE E CALIMAN, 2014). Retomando sensações e motivações que levaram a escolha daquela imagem específica. Podendo, ou não, quebrar o par representação e significado, por se tratar de uma visão subjetiva e pessoal. Nem sempre a imagem condiz diretamente com a fala do fotógrafo sobre a imagem.

Os mapas gerados através da cartografia podem ser os mais diversos. No projeto Travessias utilizaram-se quatro deles, sendo eles mapas geográficos, mapas audiovisuais, mapas fotográficos e mapas escritos. O texto em questão aborda a visão dos pesquisadores que utilizaram o procedimento dos mapas fotográficos, através do procedimento metodológico da autofotografia.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto de pesquisa Travessias contou com quinze viajantes-pesquisadores. A partir disso, o primeiro passo para a realização dos procedimentos foi a realização da divisão dos viajantes em subgrupos, que estariam responsáveis por cada procedimento. Na autofotografia foram separados dois nichos, o primeiro com três pesquisadores que faziam parte do próprio grupo da autofotografia, e o segundo com mais três pesquisadores, que faziam parte dos outros grupos de pesquisa. Essa separação por nichos permitiu uma amplitude maior de visões sobre o território, bem como interpretações independentes entre os pesquisadores que estavam ou não envolvidos com o procedimento metodológico da autofotografia.

O segundo passo foi a realização da viagem. Essa teve duração de dez dias, entre 24 de agosto e 02 de setembro de 2018, passando por Chuí-Chuy, Jaguarão-Rio Branco, Aceguá-Aceguá, Santana do Livramento-Rivera, Barra do Quaraí-Bella Unión e Quaraí-Artigas, nessa ordem. Ficando 1 dia nas primeiras 3 cidades e 2 dias nas últimas.

A travessia era realizada em conjunto, com o grupo completo, durante a qual os seis pesquisadores responsáveis pela autofotografia deveriam tirar fotos que respondessem a pergunta da pesquisa, respondessem o que mais chamava a atenção deles durante cada travessia. Com todas as imagens obtidas, o terceiro passo foi, então, a escolha delas. Onde cada fotógrafo deveria escolher em torno de 3 como as mais marcantes a eles. Posteriormente, em um quarto passo, essas foram descarregadas no LabUrb (Laboratório de Urbanismo) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel. Juntamente da realização da entrevista, que visava uma conversa livre, sem intenção de direcionar o autor, apenas ouvi-lo. O quinto passo do procedimento tratou da transcrição e organização das imagens e dos textos, analisando-os e separando-os em categorias, a fim de compreender as multiplicidades e as semelhanças nas visões dos pesquisadores sobre o espaço público da linha da fronteira Brasil-Uruguay.

A seguir segue uma amostra do conjunto imagem-texto obtido através da autofotografia dentro do projeto Travessias, que ao todo contou com 110 imagens e seus respectivos significados.



(Imagem 1 – Travessia Aceguá-Aceguá - Tirada por uma graduanda no curso de Arquitetura e Urbanismo e pesquisadora, 25 anos)

(Imagem 2 – Travessia Aceguá-Aceguá - Tirada por um pós-doutor em Arquitetura e pesquisador, 48 anos)

Imagem 1: “Presença e ausência. São palavras opostas que simultaneamente definem a travessia Aceguá-Aceguá. Ao mesmo tempo que se encontram diversos indícios de que há uso do local, não se encontra ninguém usando. Carros, bancos, trailers, comércios, fechados, vazios, sem ninguém.”

Imagem 2: “Eu adoro essa foto da cadeira, porque me lembra a minha cidade, que também tem esse hábito. Mas eu achei mais legal que mostra um pouco da segurança da cidade pequena, que a pessoa deixou a cadeira ali, e a casa está fechada, e a cadeira de praia ficou ali, até com a almofadinha, e ainda tem um sofazinho para sentar. Então, eu gostei muito dessa foto, que mostra uma hospitalidade. Da vontade de chegar ali sentar, tomar chimarrão na frente da casa que nem é minha.”

Na travessia de Aceguá Brasil e Aceguá Uruguay os temas mais recorrentes nas falas dos pesquisadores foram a presença e a ausência, a infraestrutura, e o cuidado com os canteiros centrais. Enquanto alguns também ressaltaram a hospitalidade, a presença dos freeshops, a presença do lixo, o destaque das antenas em cidades que beiram o rural. A autofotografia como procedimento da cartografia urbana propõem também a análise do comum, das forças dos locais, mas sem deixar de lado o singular, o específico. Assim, se compreende as características do território e as visões dos viajantes sobre o local, podendo ser visões comuns, individuais ou até mesmo opostas à de outros pesquisadores. Isso revela tanto as forças do espaço urbano quanto a experiências de vida e interesses dos pesquisadores, indicando o que mais se destacou para cada um durante a travessia. O mais importante, porém, talvez seja a compreensão de que não há generalização do espaço de fronteira, considerando as inúmeras singularidades encontradas ao longo da linha percorrida, tanto entre cidades-gêmeas diferentes como dentro de um mesmo trecho de fronteira.

As cidades-gêmeas Chuí-Chuy, Aceguá-Aceguá, Santana do Livramento-Rivera, que possuem fronteiras secas como semelhança, demonstraram singularidades e diferenças referentes a suas administrações, uso e manutenção do espaço público, culturas e interações. Já as cidades Jaguarão-Rio Branco, Quaraí-Artigas, Barra do Quaraí-Bella Unión, que possuem fronteiras molhadas como ponto em comum, apontaram a distância entre áreas urbanizadas, a importância da segurança militar, o controle da entrada e saída do país/cidade como diferenças.

## 4. CONCLUSÕES

O projeto de pesquisa, referente ao procedimento autofotográfico, com os processos de coleta e análise completos, encontra-se atualmente em processo de finalização de um artigo, relatando detalhadamente os pontos apresentados neste resumo. A equipe vem produzindo textos e promovendo eventos que buscam difundir os resultados encontrados, bem como a atualização do site do projeto. Com intenção de auxiliar a pesquisa e a discussão sobre o tema. Proporcionando que instituições e pesquisadores possam tanto expandir e disseminar o conhecimento do assunto, como aplicar as melhorias necessárias à qualidade desses espaços urbanos a partir de uma compreensão mais profunda sobre esses.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DAVILA, Natália Lohmann; MACHADO, Valentina, PINHO, Rafaela Barros de; RESENDE, Lorena Maia; FORNECK, Vanessa; ROCHA, Eduardo. **Autofotografia na linha de Fronteira Brasil-Uruguay**, Faurb/UFPEL, 2019. Anais do XVIII Congresso de Iniciação Científica. Disponível em: <[http://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2019/SA\\_00609.pdf](http://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2019/SA_00609.pdf)>. Acesso: 2 de setembro de 2020.
- JACQUES, Paola Berenstein. **Corpografias urbanas: o corpo enquanto resistência**. Cadernos PPG – AU – FAUFBA: Resistências em espaços opacos. Salvador, Ano 5, número especial, p. 93-104, 2007. Disponível em: <<http://www.laboratoriourbano.ufba.br/arquivos/arquivo-13.pdf>>. Acesso: 15 de setembro de 2020.
- NEIVA-SILVA, Lucas; KOLLER, Sílvia Helena. **O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia**. In: Estud. psicol. (Natal) [online]. 2002, vol.7, n.2, pp.237-250. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2002000200005&script=sci\\_abstract&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2002000200005&script=sci_abstract&lng=pt)>. Acesso: 15 de setembro de 2020.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lílina da (Orgs.). **Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e Produção de Subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Sílvia (Orgs.). **Pistas do Método da Cartografia: A experiência da pesquisa e o plano comum**. Vol. 2. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- RESENDE, Lorena Maia. **Cartografia Urbana na Linha de Fronteira: Travessias nas cidades-gêmeas Brasil-Uruguay**. In: Prograu FAUrb UFPEL. Dissertações Urbanismo Contemporâneo. Pelotas, 2019. Disponível em: <[https://drive.google.com/file/d/1yRyOQEGBO\\_8xGT3-Oz7IPu5j\\_RG4M49S/view](https://drive.google.com/file/d/1yRyOQEGBO_8xGT3-Oz7IPu5j_RG4M49S/view)> Acesso em: 2 de setembro de 2020.
- ROCHA, Eduardo. **Cartografias Urbanas**. Projectare revista de Arquitetura e Urbanismo, 2008. Disponível em: <[https://drive.google.com/file/d/0BxwRBeG0PaG\\_Sm96UnhERmpoYUE/view](https://drive.google.com/file/d/0BxwRBeG0PaG_Sm96UnhERmpoYUE/view)>. Acesso em: 2 de setembro de 2020.
- SILVA, Luís Sérgio Duarte da. O Conceito de Fronteira em Deleuze e Sarduy. Dossiê: Caribe(s) Textos de História, **Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UnB**. Brasília: UnB, v. 13, n. 1/2, 2005.
- O PROJETO**, Travessias na Fronteira, 2018. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/travessias/o-projeto/>> Acesso em: 04 de agosto de 2020.